Obras de Mário Soares

As Ideias Políticas e Sociais de Teófilo Braga

Com notas de leitura de António Sérgio e cartas sobre a obra

Vol. 0

IMPRENSA NACIONAL

Obras de Mário Soares

Vol. 0

MÁRIO SOARES

As Ideias Políticas e Sociais de Teófilo Braga

Com notas de leitura de António Sérgio e cartas sobre a obra

8 **As duas asas do voo**
Apresentação de Obras de Mário Soares
JOSÉ MANUEL DOS SANTOS

26 **Obras de Mário Soares**
Comissões científica e editorial

28 **Uma amizade livre**
Em memória de Vasco Pulido Valente
JOSÉ MANUEL DOS SANTOS

32 **História de um livro**
PEDRO MARQUES GOMES E TERESA CLÍMACO LEITÃO

---

51 **As Ideias Políticas e Sociais de Teófilo Braga**
MÁRIO SOARES
Edição fac-similada da edição original, com notas de leitura de António Sérgio

---

178 **Notas manuscritas de Mário Soares sobre Teófilo Braga e a sua obra**

184 **Carta de protesto de Mário Soares para o diretor da Faculdade de Letras**

194 **Correspondência**
198 António Sérgio
200 Álvaro Salema
201 Mário Soares p/ Álvaro Salema
202 Vitorino Magalhães Godinho
205 Hélder Ribeiro
207 António Lôbo Vilela
208 Mário Sacramento
210 Mário de Azevedo Gomes
213 Afonso A. Costa
215 Albano Cunha
217 Ferreira de Castro
218 Augusto Casimiro
219 Arnaldo Veiga Pires
221 Domingos Pereira p/João Soares
223 João Soares p/Domingos Pereira
225 Domingos Pereira p/Mário Soares
228 Delfim Santos
229 Henrique de Barros

230 **Critérios de edição da correspondência**

234 **Bibliografia**

As duas asas do voo

Apresentação de Obras de Mário Soares

JOSÉ MANUEL DOS SANTOS

Estas *Obras de Mário Soares* são as de um político que queria ser escritor — e que foi escritor ao ter sido político. Para ele, a escrita e a política eram duas formas de fazer o mundo. Sem uma, a outra não era ela. Com as duas, cada uma era ainda mais do que era.

Em todos os tempos da sua vida, combatendo na resistência à ditadura ou lutando pela consistência da democracia, na solidão ou na multidão, nas prisões ou nos palácios, na oposição ou no poder, Soares escreveu, a quente ou a frio, como costumava dizer, milhares de páginas: para convencer, contestar, vencer, argumentar, denunciar, acusar, expor, exigir, impugnar, demonstrar, provar, pensar, defender, perguntar, responder, transmitir, comunicar.

Escreveu livros, artigos de jornal, discursos, relatórios, programas, processos, teses, cartas, notas, apontamentos, comentários, manifestos, moções, diários. Escreveu crónicas, ensaios, biografias, recensões, poemas, ficções, verbetes para dicionários. Escreveu sobre pessoas, acontecimentos, ideias, viagens, causas, realidades, utopias. Escreveu sobre Portugal, a Península Ibérica, a Europa, o Brasil, África, o Mundo. Escreveu sobre o passado, o presente, o futuro. Escreveu sobre ele e sobre os outros, sobre o que testemunhou e o que outros testemunharam. Escreveu sobre o particular e o geral, o singular e o comum, o individual e o coletivo. Escreveu sobre política, história, filosofia, direito, literatura, arte.

Para ele, escrever era pôr a escrita em dia, passar a vida a limpo, ter a casa em ordem, prestar contas, registar para memória futura. A escrita era-lhe o esclarecimento da ação, a pedagogia da política, a comunicação do eu, a eternização do instante. E era-lhe uma maneira de pertencer àquilo que admirava: a história, a literatura, a família dos políticos-escritores e dos escritores-políticos.

Nada do que dizia ou fazia perdia esse alcance que dava ao perto um longe e ao aquém um além, tornando o horizonte uma linha que ia sempre à frente de si mesma. Era isso que lhe impunha aquela densa e contínua atenção a ele próprio e ao mundo, concedendo-lhe também essa escala de grandeza que a pequenez não conseguia suportar pela comparação aviltante que lhe punha em frente dos olhos.

As *Obras de Mário Soares* mostram esse movimento imparável para uma descoberta decisiva ou para uma meta móvel. Mostram as suas ideias, os interesses, as curiosidades, os sentimentos, os imaginários, as preocupações, os propósitos, as ligações. Também as permanências, as mudanças, as evoluções, as ruturas. E dão dele *outro retrato*.

Nesse *outro retrato*, vê-se como não era apenas o visionário político que olhava as coisas e o futuro delas com a bola de cristal da sua intuição. Percebe-se que não era somente o grande e virtuoso improvisador que fazia de cada oportuni-

dade o trampolim para o seu salto espetacular. Conclui-se que não era unicamente o homem sem medo, cuja coragem desassombrada chegava a parecer temeridade ou desaforo. Compreende-se que não era exclusivamente o governante pragmático capaz de não fazer o que estavam à espera que fizesse para fazer o que era preciso ser feito. Descobre-se como era muito mais disciplinado, organizado, informado, conhecedor, profundo, preparado, prevenido, previdente, introspetivo, eficaz, estratégico, fiel aos princípios e sobretudo aos valores, do que o retrato que os lugares-comuns e as ideias feitas fazem dele.

Aquele que conquistou tudo como se tudo fosse já dele antes de o conquistar, poderia dizer como Walter Benjamin, citado por Giorgio Agamben, em *Língua e História*, «que a história da cultura acrescenta o peso dos tesouros que recaem sobre os ombros da humanidade. Mas não lhe dá a força suficiente para sacudi-los das costas e tomá-los nas suas mãos».

Para Soares, era a política, com a ação e a persuasão, os meios e os objetivos, que tinha essa potência, essa força, esse poder. Gostava, porém, de repetir a pergunta que Antero de Quental fez na célebre carta a António Feliciano de Castilho: «Mas, exmo. senhor, será possível viver sem ideias? Esta é que é a grande questão».

Muitas vezes a atividade política e as obrigações em que ela foi tomando forma, nele, lhe impediram ou adiaram a escrita — e o político prejudicou o escritor. A consciência disso levava-o a fazer das fraquezas forças. Afirmou, como quem se culpa para depois se desculpar: «Hoje, para todos nós, portugueses, o tempo não sobra para proceder a análises históricas pois que todos temos que viver a história, alvoraçada e coletivamente» (prefácio à edição portuguesa de *Portugal Amordaçado*, 10 de junho de 1974).

Isto foi escrito num tempo sem tempo que não fosse para a dionisíaca exaltação coletiva e a apolínea euforia individual da descoberta da democracia e do novo Portugal como construção dela. Nas décadas seguintes, aquilo que foi chamado a fazer — ou que a si mesmo se chamou a fazer — deu aos seus trabalhos e aos seus dias o perímetro de um paraíso perdido.

Nele, a escrita era a serpente que aparecia para o tentar, dizendo o mesmo que a serpente do Génesis disse a Adão e Eva: «Sereis como deuses». Aqui, o fruto da árvore proibida e desejada, que estava no meio do seu jardim privado, era a palavra e a sua poção mágica de imortalidade prometida.

A Coleção que agora se apresenta, com os seus vários volumes, reúne uma obra e mostra uma vida, pois em Soares uma e outra são inseparáveis, uma sem a outra seriam inexplicáveis, uma com a outra são inesgotáveis.

História de um livro

PEDRO MARQUES GOMES
TERESA CLÍMACO LEITÃO

Nesta publicação, que anuncia as *Obras de Mário Soares*, reedita-se o seu primeiro livro, resultado da dissertação de licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, apresentada em julho de 1950, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com o título «Teófilo Braga — Tentativa de Determinação do Seu Pensamento Político».

Contrariamente ao que antes desejara — estudar Direito — Mário Soares ingressa em Ciências Histórico-Filosóficas, com dezassete anos, em outubro de 1942. No momento de escolher o curso superior, a influência de três figuras que marcaram a sua formação cultural, política e ideológica é decisiva:

> «Eu entrara em Letras por influência de Álvaro Salema, Agostinho da Silva e do próprio [Álvaro] Cunhal, que me haviam demovido de seguir a minha inclinação inicial — o curso de Direito — com o argumento de que se tratava de uma Escola ultrarreacionária e burguesa. Empurraram-me para Letras, invocando o estudo da Filosofia, e acenaram-me com a possibilidade de vir a ser escritor»[1].

Mário Soares estudara, a partir do segundo ano do liceu, no Colégio Moderno, fundado pelo seu pai, João Soares. É então que estreita a ligação com estas três personalidades, que passariam a ser seus professores. De todos, quem tem uma influência «mais decisiva» sobre ele é o professor de Filosofia do Colégio, Álvaro Salema, que lhe dá lições particulares e com quem tem longas conversas. «Ele dava-me também explicações de cultura geral, em passeios de bicicleta que fazíamos no Campo Grande, que então era muito campo», recorda Soares[2]. Salema era também jornalista e crítico literário, designadamente na *Seara Nova*, revista de oposição ao regime, onde colaboravam alguns dos principais intelectuais portugueses.

Enquanto regente de estudos no Colégio Moderno, Álvaro Cunhal, membro do Comité Central do Partido Comunista Português (PCP), que já fora preso, por razões políticas, diversas vezes, apoia o jovem Soares na área da Geografia. «Suscitou também o meu interesse pela literatura e pelo movimento cultural do neorrealismo, que na época começava a ser pujante», lembra Mário Soares[3]. Agostinho da Silva, filósofo, escritor, professor de Literatura, também colaborador na *Seara Nova*, é igualmente recordado pelo seu aluno: «Dava-me aulas, se assim lhes posso

1 Maria João Avillez, *Soares. Ditadura e Revolução.* Lisboa: Círculo de Leitores, 1996, p. 39.

2 Joaquim Vieira, *Mário Soares. Uma Vida.* Lisboa: A Esfera dos Livros, 2013, pp. 45-46.

3 Maria João Avillez, *Soares. Ditadura*..., p. 33.

chamar, divertidíssimas e encantadoras. Inolvidáveis! […] Falava-me de tudo: de livros, de pessoas, de comportamentos, de exposições (que me aconselhava a ver), de filmes, de teatro, e vagueava»[4].

Soares nunca esqueceu a relevância dos três professores no seu percurso. No *Portugal Amordaçado*, escreve:

> «Estes três homens, tão diferentes entre si, nas posições ideológicas e nos temperamentos, exerceram uma influência profunda em mim — no sentido de que todos representavam, embora cada um a seu modo, uma contestação moral intransigente do regime, num plano declaradamente socialista que os situava numa posição de distância (que, aliás, gostavam de fazer sentir!) relativamente aos "opositores burgueses" *ancien style*, simpáticos mas ultrapassados (diziam!), do tipo do meu Pai e dos seus amigos…»[5].

Dez anos depois de Salazar tomar posse como Presidente do Conselho, Mário Soares ingressa na Faculdade de Letras, no rescaldo da Guerra Civil de Espanha e em plena II Guerra Mundial. A sua opinião sobre o estado do ensino superior estava longe de ser positiva, porque, afastados ao longo dos anos inúmeros professores antifascistas de grande reconhecimento académico e científico, muitos dos que permaneciam nas universidades eram, segundo Soares, «conformistas» em relação ao regime. Também por isso, fazendo um balanço da sua experiência enquanto estudante na Faculdade de Letras, classifica-a de «terrível» e descreve o que viveu e observou:

> «incompetência e desinteresse dos professores; sentimento generalizado de que a cultura verdadeira nada tinha a ver com as bizantinas matérias ensinadas; revoltantes injustiças nas classificações; absoluta falta de estímulo; arreigada convicção de que só a mediocridade e a subserviência seriam premiadas e poderiam, finalmente, triunfar»[6].

4 Mário Soares, *Incursões Literárias*. Lisboa: Temas & Debates, 2003, pp. 255-256.

5 Mário Soares, *Portugal Amordaçado. Depoimento sobre os Anos do Fascismo*. Lisboa: Arcádia, 1974, p. 24.

6 Mário Soares, *Portugal Amordaçado…*, p. 39.

MÁRIO SOARES

AS IDEIAS POLÍTICAS E SOCIAIS DE TEÓFILO BRAGA

PREFÁCIO DE

VITORINO MAGALHÃES GODINHO

CENTRO BIBLIOGRÁFICO
LISBOA
1950

Carta de protesto de Mário Soares para o diretor da Faculdade de Letras

CÓPIA

Lisboa, 30 de Julho de 1950

Senhor Director da Faculdade de Letras:

Venho junto de V. Exª. reiterar o protesto que públicamente formulei no inicio da minha prova de defesa de tese. A circunstancia de ter sido o último a ser ouvido, ao fim de 6 horas de espera (as provas estavam marcadas para as 3 h., começaram às 5 h. e eu fui chamado ás 9 h.) não teria qualquer gravidade se eu não houvesse que considerar, em bôa consciência, que o facto foi propositado - e não foi senão o seguimento de outros que me atingiram no curso das provas. Como disse então a V. Exª., por ordem de pauta, devia ter sido dos primeiros candidatos a ser chamado. Mas, ainda que as defesas de tese ficassem para o fim, eu devia pelo menos ter entrado primeiro que a minha colega Bernardina Felgueiras, cuja tese foi tambem arguida pelo Prof. Délio Santos.

Quero ainda informar V. Exª. e o juri a que preside - onde aliás se encontram alguns Professores que me merecem consideração - do seguinte:

1º Logo no início das minhas provas constou insistentemente na Faculdade que a minha tese não tinha qualquer valôr, e era apenas uma trabalho de especulação política.

Devo notar, em primeiro lugar, que nenhum aluno da Faculdade lera a minha tese - e que o conhecimento que dela mostravam (directo ou por referências) só podia ter partido de algum leitor dos 5 exemplares que entreguei na Secretaria. Que não era uma trabalho de especulação politica, prova-o, alem do mais, o facto de V. Exªs. terem aceite a tese, quando estou informado de que um Professor levantou o problema, e até consultou sôbre o assunto Professores estranhos a Secção.

Considero significativo que o Prof. Délio Santos tenha iniciado a critica da minha tese pela afirmação do seu nenhum valor, e bem assim por acentuar o facto de ela não se prender às matérias próprias da nossa Secção. Devo dizer a V. Exª. que fiquei esclarecido desde logo, que o que se pretendia, de facto, era anular-me na minha

Cópia da carta que Mário Soares dirigiu ao diretor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, João António de Matos Romão, protestando contra as condições em que decorreram as provas de defesa da sua tese de licenciatura sobre Teófilo Braga, 30/7/1950. Mário Soares deu conhecimento do conteúdo desta carta a várias pessoas das suas relações (Arquivo Manuel Mendes. Fundação Mário Soares e Maria Barroso).

personalidade intelectual - tomando como pretexto o meu trabalho. Mas para isso era necessario, como está bem de ver, comprovar pela análise da tese o seu escassissimo valór.

Tal não conseguiu fazer o Doutor Délio Santos. E, se dúvidas houvesse quanto a este ponto primordial a última frase de V. Exª. bastaria para as dissipar. Reproduzo-a na sua eloquente simplicidade; "afinal, o mais importante ficou por provar".

Considero tambem insólito que se possa pensar que um trabalho sobre as ideias politicas de Teofilo Braga não estivesse adequado a uma dissertação de licenciatura em História e Filosofia. Se o zelo de neofito do arguente foi ferido pela analise objectiva a que procedi do republicanismo de Teofilo Braga - competia ao bom senso do juiz que V. Exª. pertence ter evitado que fôsse o Doutor Délio Santos a arguir a minha tese. Neste sentido, quero aqui afirmar que não sou eu o responsável - mas V. Exª. - pelo tom apaixonado e nada académico de que se revestiu em certos passos, a discussão. De resto, deve V. Exª. recordar-se que eu citei o exemplo da tese do Dr. Barradas de Carvalho, sobre as ideias politicas de Alexandre Herculano, tese que não foi considerada estranha ás materias do curso, e que, após sua publicação, foi muito justamente elogiada na Revista da Faculdade de Letras.

Ainda no que se refere a especulações, quero afirmar a V. Exª e muito sériamente, que especulação considero eu o ter-se aproveitado uma tese de licenciatura para exaltar um professor que está acusado de plagiato - com o sentido manifesto de lhe criar ambiente favorável numa altura em que a sua posição na Faculdade, como se sabe, está sériamente ameaçada.

2º. A partir da minha 2ª. prova - portanto, antes da que fiz com V. Exª. - começou a correr na Faculdade que me iam convidar a desistir. Note V. Exª. que eu só tinha prestado (á parte a lógica, que é exame escrito) duas provas - uma das quais era francamente positiva. Não se tratava dum rumor anónimo - pois um assistente da Faculdade afirmou-o inequivocamente a alguém que o poderá comprovar.

Correspondência

Carta de António Sérgio[1] para Mário Soares, 30/12/1950

Meu caro Camarada:

A sua tão amável dedicatória em As ideias políticas e sociais de T. B. trazem a data de 25 de outubro: mas a verdade é que só recentemente o livro me chegou às mãos, — e de aí o tardio deste meu devido agradecimento. A meu ver, as pseudoideias daquela torneira de palavreados vácuos não merecem que alguém as tome a sério, e lamento o tempo que gastou com a ação esterilmente caridosa de tratar delas. Pelo que toca ao que diz na página 8, cabe-me esclarecer que não há relação alguma entre a minha condenação da mentalidade teofilesca e a minha discordância da orientação abstrata, meramente política e não económico-social, da propaganda republicana. Nesta colaboraram homens como Raul Proença[2] e Basílio Teles[3], de quem fui amigo e que muito amei e admirei. Mas eram pessoas inteligentes, e não parvos, como o Teófilo. A «pausa ou desvio» a que me refiro alude ao

1 **António Sérgio** de Sousa (Damão, 3 de setembro de 1883 — Lisboa, 24 de janeiro de 1969) foi intelectual, pedagogo, ensaísta e político. Estudou no Colégio Militar, na Escola Politécnica e na Escola Naval, completou o curso de Marinha de Guerra e exerceu funções como oficial de Marinha. Estudou ainda no Instituto Jean-Jacques Rousseau. Fundador das revistas *Pela Grei* e *Lusitânea*, dirigiu, com Raul Proença e Jaime Cortesão, a *Seara Nova*, tendo publicado uma série de importantes ensaios sobre educação cívica na revista *Águia*. Dirigiu ainda a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Professor do ensino secundário, exerceu funções como ministro da Instrução Pública, entre 1923 e 1924, criando, nesse âmbito, a Junta de Orientação dos Estudos e o Instituto Português para o Estudo do Cancro. Foi o principal divulgador, em Portugal, do método Montessori, criou o ensino para deficientes e o cinema educativo. Oposicionista à ditadura, integrou o Movimento de Unidade Democrática (MUD). Foi preso várias vezes, tendo-se exilado em França e Espanha. Em 1953, presidiu à Comissão Promotora de Voto e, em 1958, foi um dos principais apoiantes da candidatura do general Humberto Delgado à Presidência da República. Mário Soares considerava António Sérgio «o grande mestre» da sua geração, à qual ensinou «o hábito de pensar criticamente as coisas portuguesas numa perspetiva europeia e moderna». É uma das figuras a quem Soares dedica o *Portugal Amordaçado*. O pensamento e as polémicas em que António Sérgio se envolveu com vários intelectuais estão presentes nos oitos volumes de *Ensaios*, que publicou.

2 Referência a Raul Proença (1884-1941): escritor, jornalista e filósofo. Fundador da revista *Seara Nova* e do *Grupo da Biblioteca*. Figura muito admirada por Mário Soares.

3 Referência a Basílio Teles (1856-1923): ensaísta e político. Figura do Republicanismo.

seguinte: desde que começou a propaganda republicana nunca mais se fundaram instituições populares no género das grandes cooperativas e da Voz do Operário.

Se lhe não posso dar os parabéns pelo objeto que escolheu para aplicar os seus generosos sentimentos, significo-lhe a minha muita gratidão pela oferta e o meu sincero desejo de bom ano.

Cordialmente seu
António Sérgio
S/C Travessa do Moinho de Vento à Lapa, 4
30-XII-50.

Obras de Mário Soares
Vol. 0

As Ideias Políticas e Sociais de Teófilo Braga
Com notas de leitura de António Sérgio e cartas sobre a obra

Coordenador da coleção
José Manuel dos Santos

Diretor editorial da INCM
Duarte Azinheira

Comissão científica
António Reis
Bernardo Futscher Pereira
David Castaño
Fernando Rosas
Irene Flunser Pimentel
José Manuel dos Santos
José Pacheco Pereira
Maria Fernanda Rollo
Maria Inácia Rezola
Mário Mesquita
Nuno Severiano Teixeira

Comissão editorial
Duarte Azinheira
Jorge Reis-Sá
José Manuel dos Santos
Paula Mendes
Pedro Marques Gomes

Investigação, transcrição e notas
Pedro Marques Gomes
Teresa Clímaco Leitão

Textos
José Manuel dos Santos
Pedro Marques Gomes
Teresa Clímaco Leitão

Revisão
Mário Azevedo

Direção de arte da coleção
João M. Machado

Paginação Vol. 0
João M. Machado

Pré-impressão, impressão, encadernação
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

ISBN
978-972-27-2526-2

Depósito legal
445531/18

Fotografia e pós-produção de imagem
Alexandre Ramos

Na contracapa
Mário Soares por Júlio Pomar, Caxias, 1947
© Herdeiros de Júlio Pomar / SPA

© desta edição
Herdeiros de Mário Soares e Imprensa Nacional

Imprensa Nacional é a marca editorial da

INCM

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de Antonio José de Almeida
1000-042 Lisboa
www.incm.pt
www.imprensanacional.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

Dezembro de 2020

O exemplar do livro *As Ideias Políticas e Sociais de Teófilo Braga*, com notas de leitura de António Sérgio, de que se publica o fac-símile neste volume, pertence à Biblioteca da Casa António Sérgio.

Estas *Obras de Mário Soares* são as de um político que queria ser escritor — e que foi escritor ao ter sido político. Para ele, a escrita e a política eram duas formas de fazer o mundo. Sem uma, a outra não era ela. Com as duas, cada uma era ainda mais do que era.

Ao escolher para volume 0 destas *Obras*, o da sua Apresentação, o primeiro livro que Mário Soares publicou, em 1950, há exatamente 70 anos, sob o título *As Ideias Políticas e Sociais de Teófilo Braga*, com prefácio de Vitorino Magalhães Godinho, mas, nesta edição, acrescentado de notas de leituras inéditas de António Sérgio, seguido de diversas cartas sobre a obra, quer-se tornar evidente a ligação que houve sempre em Soares entre pensamento e ato, cultura e vida, escrita e política, ideias e combate por elas. Tudo isso fica, com ênfase, sublinhado e simbolizado.

JOSÉ MANUEL DOS SANTOS
Coordenador da Coleção